

Leonardo Callori Kefalás  
18/08/2022

Fichamento do texto: *The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis*

Sobre o autor: *Jason W. Moore*. Historiador ambiental e professor de Sociologia da Universidade de Binghamton (EUA). Escreve sobre temas como a história do capitalismo na Europa, Estados Unidos e América do Sul, desde o Século XVI à era neoliberal.

Ideias centrais do artigo:

- O argumento central apresentado pelo autor consiste na ideia de que deve-se avançar na superação das atuais compreensões acerca das relações entre natureza e sociedade que são entendidas a partir da perspectiva do antropoceno.
- O antropoceno, na sua perspectiva histórica, é limitado quando se diz respeito à tentativa de se explicar a atual crise ecológica global. Para o autor, o dualismo Sociedade/Natureza, que impera nas análises do “Green Thought” a partir dos anos 1970, tem um viés determinista que aponta o “anthropos” como o causador das catástrofes na natureza. Em suma, esta ideia pode ser exemplificada a partir do que o autor chama de aritmética verde, ou seja:  $\text{Humanidade} + \text{Natureza} = \text{Catástrofe}$ .
- O autor argumenta que esse dualismo não considera as nuances e a complexidade de um sistema econômico e de poder, como o capitalismo, e o seu papel crucial na reprodução dos mecanismos de degradação ambiental e social.
- Diante disso, propõe a discussão acerca do conceito de capitaloceno. Este conceito visa o rompimento com o dualismo Sociedade/Natureza e, a partir de um viés socioeconômico, geográfico e sociológico, explicar o desenvolvimento deste “necrossistema” e as suas consequências no mundo do trabalho, nas relações de poder e na dinâmica socioambiental.

Metodologia e Teoria Utilizada:

- O autor traz uma robusta sistematização da bibliografia, com diversas referências acerca do tema, com o intuito de construir uma revisão teórica sobre o assunto. Utilizando-se de trabalhos anteriores que versam sobre o antropoceno, a relação Sociedade/Natureza e o desenvolvimento do capitalismo, Moore tem a intenção de fazer correlações entre os temas e propor uma nova teoria que seja suficiente para abranger a complexidade da discussão.

Conclusão do autor:

- Moore concluiu que o capitaloceno deve ser o conceito empregado para se compreender a atual crise ecológica global a partir de um viés interdisciplinar que dê conta das diferentes dimensões que existem no universo desta problemática.
- Para tal, argumenta que deve-se remontar a perspectiva histórica do capitalismo a partir do século XV, uma vez que este sistema se desenvolve a partir das empreitadas marítimas europeias, fruto da acumulação primitiva de capital. A partir disso, é que se tem um capitalismo em larga escala e intercontinental.

TRECHO DE DESTAQUE 1: “From this standpoint, we may ask, Are we really living in the Anthropocene – the ‘age of man’ – with its Eurocentric and techno-determinist vistas? Or are we living in the Capitalocene – the ‘age of capital’ – the historical era shaped by the endless accumulation of capital?” PÁGINA 3

TRECHO DE DESTAQUE 2: “That the Anthropocene, at its core, is a fundamentally bourgeois concept should surprise no one. After all, it tells us that behind the current, disastrous state of world affairs is the Anthropos. It’s a trick as old as modernity – the rich and powerful create problems for all of us, then tell us we’re all to blame”. PÁGINAS 5 E 6.

TRECHO DE DESTAQUE 3: “ Capitalocene names capitalism as a system of power, profit, and re/production in the web of life. It thinks capitalism as if human relations form through the geographies of life. Far from refusing the problem of political economy, however, it highlights capitalism as a history in which islands of commodity production and exchange operate within oceans of Cheap – or potentially Cheap – Natures.” PÁGINA 13

TRECHO DE DESTAQUE 4: “. If we wish to explain the origins and development of capitalism as world-ecology – crucial to understanding the politics of the twenty-first century – we need a conversation over the ways that relations of power, capital and nature crystallized in the centuries after 1450. This is the analytical work of the Capitalocene – an ugly word for an ugly system.”. PÁGINA 15

TRECHO DE DESTAQUE 5: “Primitive accumulation was, then, about more than property, proletarianization and plunder. It marked the origins of Cheap Nature as an accumulation strategy. But Cheap is not free. By Cheap, I underscore how capitalism appropriates work/energy and biophysical utility produced with minimal labor-power, and directly implicated in commodity production and exchange. (Here is Marx’s use- and exchange-value mediated through socially necessary labor-time.) Cheap Natures effect the revival of world accumulation by reducing the value composition of one or more of the Big Four inputs (labor, food, energy, raw materials) below the system-wide average. In so doing, they reduce the costs of production for the system as a whole. Thus, Cheap timber in the seventeenth century – or oil in the twentieth century – reduced not only the value of circulating capital but the whole of commodity in general” PÁGINA 18